

Considerações finais

A partir da análise qualitativa dos dados, é possível perceber que, nas concepções de amor, prevalece a questão do cuidado com o outro. Para os participantes, amar seria simplesmente estar disponível para o cônjuge. Essa definição de amor contrapõe-se à ideia de preservação do próprio espaço, obscurecendo a importância que tem a individualidade no discurso social. Apesar de os ideais contemporâneos de relação conjugal enfatizarem valores como liberdade e privacidade, a individualidade é pouco mencionada pelos entrevistados em suas concepções de amor e casamento. Quando isso acontece, o paradoxo que caracteriza o casamento contemporâneo torna-se visível, pois a individualidade emerge juntamente com aspectos “simbióticos”, associados ao amor romântico. Nas entrevistas, a individualidade fica eclipsada pelo companheirismo, pela cumplicidade, como também, pelo prazer sexual, que aparece como elemento fundamental para um casamento satisfatório. Ao mesmo tempo em que existe uma expectativa de permanência em relação ao vínculo conjugal, a satisfação sexual surge como um dos componentes da relação amorosa, indicando que a influência dos ideais românticos tem limites.

As causas da separação, segundo o ponto de vista dos participantes, revelam a coexistência de novos e antigos valores. A infidelidade, que aparece mais como motivo de separação nas falas femininas, indica que, ao mesmo tempo em que as mulheres tornaram-se amorosamente mais exigentes, a dupla moral masculina permanece como vestígio do momento histórico anterior. Por outro lado, a infidelidade emerge direta ou indiretamente associada à insatisfação sexual, demonstrando, mais uma vez, a importância atribuída à sexualidade na contemporaneidade.

Embora expressando ressentimento em relação aos ex-parceiros, ao falarem da sobrecarga de tarefas domésticas, as mulheres deixam em evidência a preponderância dos papéis tradicionais no casamento e na família. O padrão de conduta tradicional, mantido pelos homens, no ambiente doméstico é interpretado pelas mulheres como falta de companheirismo, cumplicidade e cuidado. A emergência de um comportamento tradicional não aparece, contudo, nas falas masculinas quando os homens estão discorrendo sobre a falta de amor nos seus relacionamentos. Nesse momento, é possível vislumbrar um homem

mais preocupado com a dimensão amorosa, que se mostra disponível para falar sobre aspectos íntimos, não revelados comumente a um público mais amplo.

Quanto aos sentimentos logo após a separação, é possível constatar que nem sempre a iniciativa de separação favorece a elaboração da perda do casamento. Na verdade, a tomada de decisão contribui para a adaptação ao divórcio quando a iniciativa de separação está associada ao desejo de separar-se, o que não ocorre em alguns casos. No que diz respeito às diferenças de gênero, as mulheres sofrem pelo sonho de amor desfeito. Ao refletirem sobre o desenlace conjugal, elas mencionam elementos dos contos de fada, mostrando como a socialização das meninas leva à idealização do casamento. As mulheres precisam elaborar, então, não somente a perda do parceiro de quem se desvincularam, como também, a perda do ideal de amor. Os homens, por sua vez, ressentem-se da perda de contato diário com os filhos, referindo-se a essa situação como uma experiência extremamente dolorosa.

Os sentimentos seguintes à separação também são relacionados, por homens e mulheres, à perda do domicílio conjugal e à perda da família como ideal. O afastamento do ambiente familiar é mais uma perda que precisa ser elaborada, sendo percebido por alguns entrevistados como o momento mais crítico do período pós-separação. Apenas uma participante considera a mudança de casa um momento de libertação e afirmação da autonomia. No que se refere à perda da família como ideal, é digno de nota que a família idealizada está associada a um modelo tradicional de família, aparecendo como *norma*. Assim, a partir da separação, a família não está simplesmente organizada de outra forma, mas, de acordo com os entrevistados, está “desfeita” ou “desmanchada”.

Em relação à parentalidade, os dados indicam a dificuldade dos pais em conversar sobre a decisão de separação com os filhos. Por outro lado, a maioria dos participantes não apresenta sua capacidade parental diminuída após o término do casamento, sendo capaz de perceber as reações de seus filhos diante da separação. Os entrevistados, de um modo geral, mostram-se atentos em relação aos filhos, observando seus sentimentos e seus possíveis problemas de adaptação. Apesar de alguns participantes afirmarem que foi extremamente doloroso deparar-se com as reações dos filhos, a maioria não demonstra sentir remorso ou culpa, enfatizando a necessidade de buscar a felicidade fora de um casamento insatisfatório.

Entre os sentimentos atuais em relação à separação, embora mais frequentes nas falas femininas, homens e mulheres mencionam sentimentos de autonomia, autovalorização e crescimento pessoal. Em oposição aos papéis de

gênero tradicionais, enquanto uma das entrevistadas associa seu crescimento pessoal a sua atividade profissional, um dos participantes afirma que se tornou mais independente ao assumir tarefas relacionadas ao cuidado da casa. Apenas dois entrevistados, um homem e uma mulher, expressam seu ódio pelo ex-cônjuge, indicando que a separação emocional não ocorreu de fato. Sentimentos de liberdade emergem somente nos depoimentos femininos e sentimentos de tristeza aparecem apenas nos discursos masculinos, ainda que não tenham a mesma intensidade e frequência do período pós-separação. Uma resistência a estabelecer novos vínculos também surge exclusivamente nas falas masculinas.

Em relação à reconstrução da identidade, é possível observar que as mulheres apresentam mais mudanças do que os homens durante o referido processo. A construção de uma nova rede social e mudanças na aparência, por exemplo, estão mais presentes nos depoimentos femininos. Mais mulheres do que homens falam da dissolução da conjugalidade como uma oportunidade de retomar interesses, resgatando aspectos de si mesmo. No que diz respeito à atividade profissional, somente as mulheres investem mais nessa dimensão de suas vidas depois da separação, retornando ao mercado de trabalho ou redirecionando a carreira. Sendo assim, é possível observar que, apesar de os ideais contemporâneos de relação conjugal ressaltarem que o casamento deve sustentar a autonomia e a realização pessoal de cada cônjuge, individualidade e conjugalidade são duas dimensões paradoxais de difícil conciliação, principalmente para as mulheres, que voltam a investir mais em si mesmas quando seus relacionamentos terminam.

Quanto à relação com o ex-cônjuge, é possível constatar que, na maioria dos casos, o padrão de relacionamento não sofreu alterações significativas ao longo do tempo. A manutenção de um bom relacionamento com o ex-parceiro aparece mais no discurso das mulheres, evidenciando a capacidade de reter os aspectos positivos do outro, como também, a capacidade de diferenciar aspectos conjugais e parentais. Por outro lado, nas situações de conflito e litígio, o sistema judiciário fica a serviço da manutenção do vínculo conjugal, que se mantém, muitas vezes, pelo ódio e pelo desejo de vingança. A partir de questões relacionadas à guarda e à visitação, os conflitos conjugais são atualizados, mantendo conjugalidade e parentalidade emaranhadas. No caso de alguns participantes, a dificuldade em discriminar aspectos conjugais e parentais culmina na tentativa das ex-parceiras de afastá-los dos filhos, tornando-os vítimas da Alienação Parental.

No que se refere às perspectivas em relação ao recasamento, mais uma vez, o conflito entre individualidade e conjugalidade faz-se presente. Enquanto as mulheres expressam o desejo de investir mais na individualidade em um próximo casamento, os homens afirmam exatamente o contrário, dando respostas relacionadas ao fortalecimento do vínculo conjugal. Em suas falas sobre recasamento, as mulheres não se mostram mais dispostas a renunciar a seus interesses em favor de um casamento, demonstrando inclusive o desejo de não coabitar com o novo parceiro. Os homens, por sua vez, falam em trabalhar menos, ter mais tempo para o lazer e ceder mais diante de qualquer impasse que possa surgir no casamento. Enfim, homens e mulheres têm a expectativa de compensar o que faltou no relacionamento anterior, muito marcado ainda pelas tradições.

As questões abordadas ao longo desta pesquisa têm relevância para a clínica de casal e família, pois elas oferecem subsídios para os profissionais dessa área de atuação, informando-os a respeito do processo de separação conjugal, fenômeno tão corrente na contemporaneidade. Este estudo restringiu-se, no entanto, a mulheres e homens que pertencem às camadas médias da população carioca e que tiveram filhos com os ex-parceiros. Sendo assim, é possível vislumbrar pesquisas futuras com homens e mulheres sem filhos, como também, estudos com ex-casais pertencentes às classes de baixa renda.